

O olimpismo de Pierre de Coubertin e sua contribuição para o megaevento esportivo Jogos Olímpicos

Rodrigo Fonseca Tadini¹

Resumo: No contexto dos eventos esportivos especiais, especificamente os megaeventos, ganham destaque atualmente os estudos econômicos de viabilidade das candidaturas olímpicas, os projetos de infra-estrutura e readequação das cidades, bem como a tendência de supervalorização econômica do esporte, realidade que implica em duas conseqüências principais: um deslocamento do significado inicial dos eventos esportivos de caráter olímpico, baseados nos ideais humanísticos de integração e participação através do esporte, valorizados pela filosofia Olímpica proposta pelo Barão de Coubertin e uma acentuação no processo de disputa política pela captação deste tipo de evento motivados pelas possibilidades de investimentos públicos e privados nas cidades-sede e pelo ingresso de divisas internacionais. Em meio a tantas polêmicas relacionadas com esse processo chamado de espetacularização do esporte, este estudo propõe analisar a partir de uma ampla pesquisa bibliográfica a contribuição do Olimpismo no desenvolvimento do megaevento esportivo Jogos Olímpicos na atualidade.

Palavras-chave: Olimpismo. Pierre de Coubertin. Megaevento Esportivo. Jogos Olímpicos.

Introdução e desenvolvimento

A celebração dos Jogos Olímpicos permaneceu adormecida por 1500 anos.

Desde o século XVII, a idéia de reviver o evento da Grécia antiga, foi alvo de tentativas frustradas em países como: Estados Unidos, Inglaterra, França, Suécia, Alemanha e Grécia. (TAVARES, 2004)

Porém, na última década do século XIX, seu renascimento aconteceu graças, principalmente, aos esforços do pedagogo e esportista francês Barão Pierre de Coubertin.

Disposto a reformar o sistema educacional da França, Pierre de Coubertin viu no esporte, sobretudo na educação inglesa, uma fonte de inspiração para o aperfeiçoamento do ser humano.

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: rtadini@yahoo.com.br

Inicialmente, Coubertin procurava reformular o modelo educacional de seu país, com o intuito de promover paz e estabilidade para a França. Para isso buscou na Inglaterra e no modelo educacional elaborado por Thomas Arnold, que preconizava desenvolvimento moral, atividades físicas e educação social, as bases de seu projeto.

Embora de origem aristocrática Coubertin resistia à idéia e a prática de perpetuar um modelo político social que havia levado a França a três monarquias, dois impérios e três repúblicas em menos de cem anos. Por essa razão definia-se como um republicano e embora desacreditasse da política desejava promover ações que levassem à transformação de uma sociedade que lhe parecia enferma. (RUBIO, 2005, p.2)

Entretanto, o pensamento de estruturar a educação em sua pátria foi progressivamente deixado de lado.

Na verdade, Coubertin nunca demonstrou com precisão quando e porque convergiu suas atenções para a elaboração de projetos de ordem internacional em detrimento as reformas do sistema educacional francês. Acredita-se que o relativo insucesso de suas ações dentro da França, o levou a repensar suas idéias de reforma social, fazendo que Coubertin revertesse o projeto inicial criando para o seu país, numa proposta mundial como os Jogos Olímpicos. (TAVARES, 2003)

Embora não se possa definir os fatos principais desta mudança, há todo um conjunto de elementos que o aproximaram dos festivais atléticos da Grécia clássica, fazendo com que Coubertin utilizasse a idéia olímpica na confecção de seus projetos.

A princípio, a Europa vivia um momento de euforia causada pelos surpreendentes estudos do arqueólogo alemão J. J. Wincklemann e o desenvolvimento de suas escavações em sítios arqueológicos da Grécia (Hellas).

No século VI, um terremoto arrasou parte de Olímpia e seu estádio. Depois, uma avalanche, seguida de inundação, atolou as ruínas embaixo de seis metros de terra e pedras.

Por muitos anos, Olímpia ficou esquecida. Mas, em meados do século XIX, o alemão, J. J. Wincklemann iniciou várias escavações. Em 1871, ele detectou indícios da existência de Tróia. Em 1875, com o apoio financeiro de William Chandler, foram achadas as ruínas de Olímpia. Um ano depois, já podiam ser vistos os alojamentos dos atletas. (LANCELOTTI, 1994, p. 3)

Segundo MacAloon, a fascinação européia por Olímpia se expressava em obras de arte, literatura, reconstituições históricas, expedições arqueológicas e, até mesmo na analogia

entre as feiras e exposições industriais internacionais modernas e os Jogos Olímpicos da antiguidade.

Tavares (2003) destaca um estudo em especial, “*Histoire des Grecs*” (1887) de Victor Duruy, como o grande suporte ideológico de Coubertin para a compreensão dos valores dos Jogos da Antiguidade. Nesta publicação, Duruy interpreta os Jogos Antigos como uma forma de celebração da unidade cultural do povo grego então dividido pelos constantes conflitos entre as cidades-estado.

Reportando a unidade cultura da Hellas ao contexto da transformação dos estados nacionais na forma dominante de organização política do século XIX, Coubertin buscou o desenvolvimento de formas transnacionais de celebração de uma “possível” unidade cultural da humanidade (européia).

Com efeito, o esporte praticado na sociedade inglesa transformaria-se no agente propulsor de uma nova conduta social, e o Comitê Olímpico Internacional no combustível dos novos valores desportivos pelo mundo.

Assim, em 23 de junho de 1894, durante um congresso de educação e pedagogia, na Universidade de Sorbonne, em Paris, Coubertin reunido com delegados oficiais de 13 nações e 21 representantes informais de outros países, defendeu a criação de um órgão internacional que unificasse as diferentes disciplinas esportivas e que promovesse a realização, a cada quatro anos, de uma competição internacional entre atletas amadores, ampliando para o mundo o que já havia ocorrido na história da Grécia.

Nesse dia era formado o Comitê Olímpico Internacional (COI) e estava em formação a concepção moderna do Olimpismo, filosofia que sintetiza a relação amigável entre as pessoas de diferentes países a partir da prática do esporte.

O estabelecimento do Movimento Olímpico nos idos de 1894 coincide com a criação e proliferação de um amplo espectro de organizações de cunho internacionalista, cujo principal objetivo era a promoção da paz. Isso porque, embora durante o século XIX tivesse ocorrido um grande desenvolvimento das ciências humanas e da produção de idéias, os conflitos ainda eram resolvidos de forma brutal por meio da guerra. As organizações internacionalistas buscavam a resolução de conflitos, tanto de ordem interna como externa, pelo uso da razão e das leis, e não pelas armas. Dentro dessa lógica a competição esportiva era uma forma racionalizada de conflito, sem o uso da violência. (TAVARES, 2003, apud RUBIO, 2005, p. 4)

Foi marcado, então, nesse encontro de Paris, a data para a realização dos Jogos: abril de 1896, primavera na Europa. Atenas foi a cidade escolhida para receber esse evento.

Dois anos depois, 295 atletas de 13 nações disputaram os Jogos Olímpicos na capital grega. Tratava-se de uma mistura de amadores, esportistas de segunda categoria e equipes improvisadas - sem mulheres. (LANCELOTTI, 1994)

Inicialmente, os Jogos Olímpicos da Era Moderna não foram levados a sério pelas entidades esportivas nacionais. Apesar do sucesso dos Jogos de 1896, o Movimento Olímpico enfrentaria tempos difíceis, com os Jogos de 1900 e 1904, completamente obscurecidos pelas exposições mundiais em que foram integrados.

A situação melhorou com a realização dos Jogos Olímpicos de Verão de 1906 que, utilizando o pretexto de comemorar os 10 anos da primeira edição dos Jogos, serviram para valorizar a imagem e promover os Jogos como um evento internacional por excelência.

A partir de então, os Jogos Olímpicos continuariam a ganhar audiência, tornando-se o mais importante evento desportivo do mundo. Pierre de Coubertin abandonou a presidência do COI após os Jogos Olímpicos de Verão de 1924, realizados em Paris, a sua cidade natal.

O Olimpismo de Coubertin: um modelo de conduta para o esporte

Ao contrário de qualquer outro evento internacional, os eventos desportivos caracterizados como Olímpicos estão diretamente fundamentados à uma ideologia de valores próprios, o Olimpismo.

A origem desta nova idéia de prática educacional baseada no esporte, suas nuances e objetivos se deve a produção intelectual de Pierre de Coubertin.

Filho de uma família nobre, conservadora e religiosa, Coubertin viveu na França em um período de turbulência interna, com sucessivas mudanças de regime de governo e instabilidade política, acontecimentos que interferiram em muito na construção teórica do Olimpismo.

Cabe ressaltar, que Coubertin foi muito mais atuante como um homem de ação, comprometido com suas propostas, que propriamente como um brilhante pensador dotado de extrema originalidade. (TAVARES, 2003)

Assim, sob a influência de vários autores de renome de seu tempo, o Barão construiu as bases do Olimpismo de forma eclética, dificultando a linearidade de compreensão de seus valores.

De acordo com Tavares (2003), não existe uma definição de Olimpismo abrangente, clara e precisa, o que tem gerado as mais diferentes abordagens de seu conjunto. Para

Lamartine da Costa, as dificuldades de definição estão na sua origem, devido à adoção do ecletismo² como marco teórico do Olimpismo.

Assim como a escola eclética preconiza a construção do conhecimento a partir da legitimação pela experiência, o Olimpismo se constituiria em uma abordagem dedutiva, pela combinação eclética de elementos variados em busca de aceitação universal, legitimados pela história ou também pelos fatos. [...] O Olimpismo, como tema recorrente na vida de Coubertin, pode ser entendido como uma “obra em processo”, em permanente re-elaboração de seu “texto” em função de seu “contexto”, o que explicaria suas diversas feições. (DA COSTA, 2002, p. 66)

No caso do Movimento Olímpico, a base a partir da qual os membros do COI podem e devem pensar as características e os objetivos do Comitê é dada antes de mais nada pelos princípios fundamentais inscritos na Carta Olímpica³, em especial pelo Princípio nº 2:

Uma filosofia de vida, que exalta e combina num conjunto equilibrado, as qualidades de corpo, espírito e mente. Misturando esporte e educação, o Olimpismo busca criar um modo de vida baseado na alegria encontrada no esforço, no valor educacional do bom exemplo, no respeito aos princípios éticos universais fundamentais. (CARTA OLÍMPICA, 2001, p. 3)

Na realidade, Coubertin foi fundamentalmente um educador iluminista preocupado, como outros reformadores de seu tempo, em criar uma “lei de progresso” que transformasse os seres humanos, as instituições e a sociedade em seu sentido mais amplo, aliando educação e desporto. (TAVARES, 2003)

Firme no seu propósito, Coubertin procurou aliar o papel do esporte no modelo educacional inglês do século XIX aos fundamentos humanísticos dos jogos atléticos da Grécia clássica, propondo uma prática esportiva universal.

A combinação criativa do papel do esporte no modelo educacional inglês do séc. XIX aos fundamentos humanísticos dos jogos esportivos da Grécia clássica, resultou em uma proposta de prática esportiva universal, fundada nos conceitos de excelência e equilíbrio, condicionados por uma ética positiva, que projetou o esporte do século XX num campo de influências que

² O Ecletismo deu nome a um movimento filosófico francês, influenciado por Royer-Collard e fundado por Victor Cousin que foi a filosofia oficial das universidades francesas nas décadas de trinta e quarenta do século XIX. Entende-se por Ecletismo o método filosófico que reúne teses que embora oriundas de sistemas distintos, conciliam entre si.

³ Carta Olímpica é o documento que resume os princípios fundamentais do Olimpismo, define a organização e funcionamento do Movimento Olímpico e fixa as condições para celebração dos Jogos.

se encontra bem além da realização dos Jogos Olímpicos. (DA COSTA, 1999, p. 37)

Para o Barão de Coubertin, os Jogos representavam a institucionalização da crença no esporte como um empreendimento moral e social. Neste sentido, o evento Olímpico deveria ser um verdadeiro festival, integrando esporte, arte e cultura. Nesse sentido, os Jogos Olímpicos fomentariam não só competições atléticas, mas também produções artísticas, em um ambiente de perfeita integração entre cultura física e artística, dentro e fora da vila olímpica e demais áreas de eventos.

Olimpismo é uma filosofia social que enfatiza o papel do esporte no desenvolvimento mundial, no entendimento internacional, na coexistência pacífica, e na educação social e moral. Coubertin entende que a atividade física está sujeita à universalização, colocando-se como um ponto de contato entre culturas diversas. (PARRY, 1997, apud TAVARES & DA COSTA, 1999, p.42)

Assim, passados mais de cem anos da criação do precursor do Comitê Olímpico internacional, temos que o Movimento Olímpico agrega atualmente um número de nações maior que as Nações Unidas (ONU), desenvolvendo uma política que privilegia a integração entre os povos e o combate à intolerância em todas as suas formas de existência.

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional, a essência do Movimento Olímpico é contribuir para a construção de um mundo pacífico e melhor pela educação da juventude através do esporte praticado sem discriminação de qualquer tipo, no espírito olímpico, que requer entendimento mútuo com um sentimento de amizade, solidariedade e ética.

Segundo Ambrósio (2002), pode-se afirmar que o Olimpismo é uma esperança firme tanto para a sobrevivência da humanidade quanto para a sua evolução, pois os princípios olímpicos estão voltados para o humanismo, para a integração entre os povos, raças e culturas diferentes do planeta.

O uso dos jogos a serviço da paz e do entendimento internacional são derivados da crença coubertiniana na pedagogia esportiva. Adotando uma perspectiva essencialmente racionalista, a questão da guerra e da paz era para Coubertin, em larga medida, uma questão de conhecimento, ignorância e educação.

Conseqüentemente, os Jogos serviriam para promover o patriotismo, e não o nacionalismo, em um ambiente de amizade e conciliação. Esta junção de patriotismo, entendimento internacional e paz é o que Coubertin denominou “internacionalismo”. Como demonstração deste internacionalismo, os Jogos deveriam ser um encontro onde o mundo poderia aprender a reconhecer e a respeitar as diversidades internacionais.

Apoiado em seu compromisso com o internacionalismo e os ideais universais de paz e irmandade, Coubertin e seus sucessores lutaram para isolar o Olimpismo de interferências políticas e interesses religiosos.

Assim, o internacionalismo deveria ser o estado de espírito daqueles que amam seu país e acima de tudo, que buscam unir a isto um convívio integrado com estrangeiros, professando pelas outras culturas uma atitude respeitável.

O Princípio Fundamental n.º 3 da Carta Olímpica (2001) ressalta o objetivo de superação das diferenças sociais ao propor o esporte como articulador de uma consciência para o desenvolvimento da humanidade, conforme o enunciado a seguir.

Colocar em toda a parte o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem, na perspectiva de encorajar o estabelecimento de uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana.(CARTA OLÍMPICA, 1994, p. 5)

Como outros movimentos internacionalistas surgidos na virada do século XIX, o Movimento Olímpico anunciava sua natureza como universal e apolítica, tendo se estruturado para funcionar como uma organização supranacional.

No entanto, apesar de todos os esforços feitos pelo Barão de Coubertin e muitos de seus seguidores, os ideais propostos para a prática esportiva internacional no Olimpismo foram, através dos anos, passando por um processo de transfiguração, influenciado em alguns pontos pelas disputas político-econômicas no Comitê Olímpico Internacional (COI).

Como aponta Tavares (2003), “num período relativamente curto, o sistema Olímpico tornou-se parte permanente da ordem estabelecida na sociedade mundial”.

Já no início do século XX, os Jogos Olímpicos proporcionaram um palco internacional para a expressão dos competitivos interesses ideológicos das nações dominantes. Em 1936, por exemplo, as Olimpíadas de Berlim simbolizaram o embate entre o fascismo e a democracia; e, entre 1948 e 1972, os Jogos se desenvolveram internacionalmente tendo a “Guerra Fria” como pano de fundo.

Neste sentido, segundo Poynter (2008) “o legado político e social focalizou-se sobre o próprio evento e o efeito econômico foi menos específico quanto aos Jogos e mais simbólico quanto à alegada superioridade de um particular sistema sócio-econômico”. De acordo com o mesmo autor, “a Olimpíada significou apenas um pequeno peão num grande jogo político”. Isto ficou particularmente evidente nos fins de 1960 e 1970, quando a escala e o custo de organizar uma Olimpíada parecia exceder seu valor em termos políticos e econômicos.

Cabe ressaltar que renascimento do interesse em sediar os Jogos Olímpicos na década de 80 apresenta muitas dimensões. Um estímulo chave para muitas cidades européias e norte americanas tem sido a possibilidade de utilizar o evento para catalisar uma forma de expansão econômica pós-industrial, baseada principalmente no crescimento do setor de serviços e da produção industrial que o abastece. Este “modelo” de planejadores urbanos nos EUA emergiu primeiramente como resposta à declinante ajuda governamental e “desindustrialização” experimentada por centros urbanos que se seguiu ao prolongado período de reestruturação econômica iniciado nos anos 70. (POYNTER, 2008)

A realização de Jogos Olímpicos ou qualquer outro evento de larga escala torna evidente o exemplo de estratégia de regeneração que mais freqüentemente tem dado nascimento a novos centros de convenções, instalações culturais, centros esportivos, parques temáticos e shopping malls em muitas cidades norte-americanas nos anos 70 e 80. A estratégia abrange novas formas de financiamento, aceleração de desenvolvimento e renovação urbana, enquanto combina elementos de mudança política e re-engenharia social com o objetivo de reduzir as tensões internas no âmago das cidades e seu potencial latente de inquietação social.

Em anos mais recentes, cada cidade ou governo nacional que realizou as Olimpíadas tem utilizado o evento para atingir uma combinação de metas locais e, em alguns casos, nacionais. Para Atlanta (1996) os Jogos foram idealizados para prover um foco para cidade de modo a torná-la um importante centro de negócios - uma localização para importantes companhias americanas e internacionais. Barcelona (2002) e Atenas (2006) procuraram revitalizar suas respectivas cidades como centros de comércio europeu e turismo, enquanto que Beijing (2008) representa a vitrine de uma economia chinesa que experimenta taxas recordes de crescimento e que busca reconhecimento internacional por seu relativamente recente reingresso no sistema econômico mundial através de associação junto à Organização Mundial de Comércio (WTO) e de sua crescente reputação como o parque industrial “*manufacture workshop*” do mundo.

Para Proni (1998), os Jogos Olímpicos constituem o melhor exemplo de que a ótica capitalista tem transformado o esporte contemporâneo numa atividade profissional, crescentemente rentável e orientado para satisfazer a próspera indústria do entretenimento, apesar das resistências e tentativas em manter o esporte olímpico como uma competição “pura”, “limpa” de interesses comerciais, direcionada apenas para o engrandecimento da cultura física universal.

A fase mais recente da história dos Jogos Olímpicos de Verão inicia-se em 2003 e tem testemunhado uma modificação de tendências evidentes num período de rápida comercialização. O COI desenvolveu um plano para proteger os Jogos contra o excesso de comercialização estabelecendo um núcleo “*core set*” de valores olímpicos incluindo o fair play, intercâmbios culturais, bem como ideais de igualdade, tradição, honra e excelência. (PREUSS, 2004).

Para proteger esses valores, o COI identificou parceiros corporativos cujas próprias marcas são solicitadas a refletir tais valores e, junto com esses sócios, o COI requereu proteção legal de seus valores por parte das cidades-sede. É através dessa tentativa para modificar a dimensão comercial dos Jogos que o “legado” assumiu um papel de tema central; enfatizando-o de forma crescente aos candidatos às competições de 2008 e 2012.

De todo modo, cabe analisar, que como uma ideologia proposta no final do século XIX, o Olimpismo tem sido flexível a ponto de permitir adesão ampla e trabalhar como instrumento de união anteinteresses tão contrastantes.

Convém mencionar que é exatamente essa característica do Olimpismo, a responsável pela perpetuação dos Jogos olímpicos e pelo *boom* de desenvolvimento da cultura olímpica em todo o mundo.

Considerações Finais

A análise dos eventos esportivos contemporâneos demonstra uma surpreendente ambigüidade no que se refere ao desenvolvimento das práticas esportivas. Se de um lado a questão econômica baliza a maior parte das relações entre os comitês organizadores, atletas, empresários e instituições públicas, não se pode deixar de destacar, o aumento sucessivo da responsabilidade dos agentes anteriormente citados para com questões de ordem social, inserção do esporte em comunidades carentes, legado de infra-estruturas esportivas, Olimpismo e fomento de atividades sociais relacionadas ao esporte, paralelas ao evento.

Neste sentido, cabe apontar o papel dos organismos internacionais diretamente relacionados ao esporte que têm exigido das entidades organizadoras de eventos esportivos especiais ações no sentido da promoção de um esporte mais harmonioso e equilibrado, que contemple atividades recreativas, apoio dentro da estrutura comunitária e gere um estilo de vida saudável, facilitador da descoberta do desporto também como atividade de lazer.

A conquista do direito de sediar os Jogos Olímpicos e uma série de outros eventos especiais que acompanham a preparação para este megaevento impele aos países anfitriões e as cidades-sede a construção de uma proposta Olímpica consistente, que incorpore inovação, competência e profissionalismo diante dos obstáculos e deficiências na estrutura econômica, política e social dos países.

No decorrer da história dos Jogos Olímpicos, várias questões extra esportivas interferiram nos rumos destes megaeventos, com relevante destaque para as últimas décadas, resultando em uma aparente proposta de reversão e controle dos excessos políticos a fim de reaproximar os Jogos de sua identidade balizada na cultura dos eventos da Grécia Antiga e na filosofia desenvolvida pelo Barão de Coubertin.

Para Coubertin, os Jogos Olímpicos significavam a celebração da ciência, razão, progresso e busca da perfeição, uma perspectiva universal que procurava se elevar acima dos particulares interesses das nações.

A respeito do ambiente político que reveste os Jogos, cabe ressaltar que nos bastidores do Comitê Olímpico Internacional travasse uma verdadeira batalha tendo em vista reforçar a imagem positiva dos Jogos e seus valores olímpicos diante de um público cada vez mais global que ainda percebe este megaevento como um espetáculo único repleto de significados.

Cumpramos ressaltar que o Lema de Coubertin, inspirado numa frase que escutara de um bispo norte americano “o importante não é vencer, mas, competir e, competir com dignidade” demonstra que todos os esforços deverão ser empreendidos na busca de eventos que contemplem um clima de hospitalidade, segurança e bem estar à todos envolvidos, sendo esses valores o verdadeiro Legado Olímpico.

Referências bibliográficas

AMBRÓSIO, V. O marketing como ponto de partida para a elaboração de projetos de cidades candidatas a jogos olímpicos. In: TURINI, M. & COSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

CARDOSO, Maurício. **100 anos de Olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996.

DA COSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

LANCELOTTI, Sílvio. **100 anos de Jogos Olímpicos**. São Paulo, Moderna, 1996.

LOVIOLO, H. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: Moreira, Wagner W. **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000. p. 15-39.

MANDELL, R. **Sport: a cultural history**. New York: Columbia University Press, 1984.

MC ALOON, John. **Volunteteers, Global Society and the Olyimpic Moviment**. Internacional Simposium, Laussane, 1999.

PIRES, G. Olimpismo e Ideologia – o desporto a serviço da humanidade. In: TURINI, M. & COSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

POYNTER, G. **Texto preparatório para participantes**. Seminário sobre Megaeventos e Legado. Rio de Janeiro, 2008.

PRONI, Marcelo. **Esporte-Espetáculo e Futebol Empresa**. Tese de Doutorado em Educação Física - UNICAMP, Campinas, 2002.

RUBIO, K. Da Europa para a América: a trajetória do Movimento Olímpico brasileiro. **Geo Crítica / Scripta Nova**. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de noviembre de 2005, vol.IX, núm. 200. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-200.htm>> [ISSN: 1138-9788]

TAVARES, Otávio. **Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: o atleta como mediador**. Tese de Doutorado (Educação Física - Universidade Gama Filho), Rio de Janeiro, 2003.